

(Mensagem do Presidente da CCBJ)

Prezados Associados da CCBJ,

Gostaríamos de convidar a todos para a premiação “CCBJ Awards Person of the Year 2024”, que vai ser concedido para um representante do lado japonês. Em agosto, a Presidente do Banco do Brasil, Tarciana Medeiros, foi agraciada com esse reconhecimento como representante do lado brasileiro.

Em novembro, o diretor-presidente da Oji Holdings, Hiroyuki Isono, vai receber o prêmio pelo relevante trabalho entre o Brasil e o Japão. Esperamos a presença de todos. Na oportunidade, ele vai dar detalhes sobre o projeto da empresa no Brasil.

Nesta edição, temos o artigo escrito pela professora, Chika Takeda, da Universidade de Tokyo de Estudos Estrangeiros. Recentemente ela visitou o Brasil e se aprofundou mais na cultura afro-brasileira.

Também temos informações de novidades do Banco do Brasil com foco nas crianças. E a WEG, empresa brasileira de motores, inaugurou uma nova fábrica em Portugal no avanço da produção mundial. Por fim, uma planta brasileira será utilizada para fabricação de combustível.

Obrigado.

Celso Guiotoko
Presidente da CCBJ

(Artigo)

A minha estadia no Brasil - Coisas que me deixaram grata e algo que me desagradou

Por Chika Takeda

Professora

Universidade de Estudos Estrangeiros de Tokyo

Pela primeira vez em muito tempo, tive a oportunidade de ficar no Brasil por um longo período este ano e passei três meses, de abril a julho, no Rio de Janeiro. Haviam-se passado 16 anos desde a minha última estadia prolongada no Rio, em 2008. Desta vez, tive muitas experiências marcantes, incluindo aquelas que me deixaram muito grata e uma que me desagradou.

O que me deixou mais grata foi a presença dos meus amigos. Enquanto eu estava lá, meus amigos me convidavam sempre para sair e visitar vários lugares. Graças a eles, que são cheios de amor e afeto para me tratar como se fosse da família (o que considero uma atitude tipicamente brasileira), esse período de 90 dias foi tão produtivo, que não houve um dia sem programa. Além do jogo de futebol, que assisti em meio à torcida do meu time favorito (fiquei impressionada com a animação deles), do passeio de carro para a Fazenda de Santa Cruz, da casa de veraneio da família Imperial (um desejo antigo finalmente realizado, e com muita emoção) e visita para um bairro com presença forte da cultura negra (a vitalidade do local me encheu de energia!), meus amigos me levaram a um show de música brasileira (noite maravilhosa!) e muitos outros locais culturais e históricos que são tantos e é impossível citar todos, mas que me proporcionaram muitas experiências significativas. Entre elas, as mais marcantes e valiosas para a minha pesquisa foram a participação de um ritual de Umbanda e a visita a um Quilombo.

Desde que li *Ponciá Vicêncio*, romance escrito por Conceição Evaristo, fiquei impressionada com a força e profundidade da obra e passei a me interessar pela literatura afro-brasileira. Pode parecer exagero, mas foi no universo literário desse livro marcado pelo dinamismo brasileiro, que senti ter encontrado finalmente algo que procurava havia muito tempo.

Nos últimos anos, escritores afrodescendentes vêm se destacando no Brasil. Tanto é que o mais tradicional prêmio literário do Brasil, o Prêmio Jabuti, foi concedido por três anos consecutivos para autores de origem africana, que foram Itamar Vieira Júnior, em 2020, com *Torto Arado*, Jefferson Tenório, em 2021, *O Averso da Pele* (ambos na categoria romance literário), e Eliana Alves Cruz, em 2022, com *A Vestida* (na categoria conto). A versão em japonês de *Torto Arado* foi publicada pela Suiseisha, como um projeto comemorativo do Bicentenário da Independência

do Brasil, organizado pela Embaixada do Brasil em Tóquio, no ano passado. Caso tenham interesse, gostaria que lessem essa obra. Durante a minha estadia no Brasil, senti fortemente o aumento de interesse entre a população por pessoas e culturas de origem africana. Reparei também que o assunto era abordado frequentemente na televisão.

As obras literárias podem ser apreciadas apenas por meio de leitura, mas ela pode se tornar uma experiência ainda mais profunda quando o leitor visita pessoalmente a região onde o livro foi escrito ou o local onde o autor nasceu e cresceu ou se passa o enredo. Era exatamente esse o meu objetivo: obter mais conhecimento da cultura afro-brasileira e aprofundar a minha compreensão da literatura através das experiências culturais que só podem ser vividas lá, tais como visitar comunidades afro-brasileiras e participar de rituais religiosos, bem como visitar museus e locais históricos. No entanto, diferentemente dos museus, por exemplo, que posso visitar sozinha, é muito difícil um forasteiro ter acesso a comunidades ou estabelecimentos religiosos e ser aceito. Sinto muito grata a meus amigos que me ajudaram a resolver esse problema.

No caso de Umbanda, um amigo meu, que conhecia o diretor espiritual de um terreiro, me acompanhou para conhecer o local três vezes no total, uma em cada mês. Pude assistir a cerimônias importantes que celebravam o dia de Ogum, que está associado a São Jorge, em abril, o dia de Preto Velho, símbolo da ancestralidade africana, em maio, e o de Exu, uma espécie de mensageiro, que faz a ponte entre o humano e o divino, em junho. Lá fui bem recebida e tive acesso a uma área com visão privilegiada da cerimônia, além da permissão especial para tirar fotos e fazer vídeos (o que é normalmente proibido), desde que fosse apenas para fins acadêmicos e para serem utilizados nas aulas. Tudo isso devo ao meu amigo.

Até então, só tinha ido a rituais de Candomblé. E confesso vergonhosamente que, para mim, o Candomblé era o culto mais representativo do mundo afro-brasileiro, mas descobri que eu estava enganada. Embora várias pessoas tenham me dito que a Umbanda era o culto mais brasileiro, eu não estava totalmente convencida disso. Quando lá fui pessoalmente, porém, percebi que o terreiro de Umbanda era um espaço tipicamente brasileiro, onde se mesclavam várias crenças. No altar, além das estátuas de divindades africanas como Orixás, havia desde Jesus Cristo e outros santos do cristianismo, entidades brasileiras como Malandro divino e Pomba-Gira, e para a minha surpresa, até Buda. O espaço tinha um clima aconchegante, como se fosse reunião regular de uma comunidade de amigos, sem aquela misticidade e solenidade frequentemente associadas às instituições religiosas. As músicas sagradas da Umbanda, chamadas de pontos, também eram uma atração divertida que lembrava a roda de samba. O mais surpreendente, porém, foi o fato de que 90% dos visitantes eram brancos. É claro que não posso me basear apenas nessa experiência para tirar qualquer conclusão, e deve haver outros locais com públicos diferentes, levando em consideração a diversidade da

Umbanda. Mas foi suficiente para quebrar a minha ideia em torno da religião afro-brasileira, que eu costumava associar aos elementos africanos que aparecem nos vídeos das cerimônias do Candomblé.

Quilombo é conhecido como a “comunidade de (descendentes de) escravos fugitivos”. As comunidades remanescentes de quilombo também passaram a ser comumente chamadas de quilombo, desde que a Constituição de 1988, que reconheceu os direitos quilombolas à terra. E essas comunidades remanescentes de quilombo são as menos acessíveis para quem não tem bons contatos. No meu caso, quem ajudou a fazer esse contato foi uma amiga que trabalha no Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), que me levou para acompanhar a visita a algumas dessas comunidades situadas na região leste do Estado de São Paulo. O Incra é o órgão responsável pela titulação dos territórios quilombolas. Lá, pudemos conhecer a história marcada por dificuldades do povo quilombola, os desafios enfrentados hoje e a sua cultura. Mais tarde, tive oportunidade de visitar outra comunidade em Salvador e pude comparar esses grupos, o que me ajudou a reconhecer a diversidade dos quilombos. Esses grupos, embora todos sejam chamadas de quilombo, têm perfis diferentes uns dos outros, desde a formação das comunidades, a composição populacional e a cultura. Por exemplo, o quilombo que visitei em Salvador tinha terreiro de Candomblé que desempenhava papel importante e preservava mais a tradição africana, diferentemente de uma em São Paulo, que não tinha terreiro e a tradição católica era mais evidente.

Por fim, vou citar uma coisa que desagradou: a desvalorização do iene. Quando parti para o Brasil, o iene começou a cair atingindo o seu ponto mais baixo quando regressei ao Japão. Por esse motivo, para mim tudo estava caro no Brasil. Por mais que eu reduzisse a porção do meu prato nos restaurantes por quilo no almoço, o preço chegava logo a 1.500 a 2 mil ienes. No Japão, não costumo pagar tanto no almoço. A passagem de metrô no Rio também era mais caro do que no Japão, custando um valor equivalente a 230 ienes. Os meus amigos me aconselhavam para não converter tudo em moeda japonesa, mas era impossível não fazer isso para uma pessoa como eu que ganho em iene. Para a minha infelicidade, assim que voltei ao Japão, o iene começou a se valorizar e está agora no mesmo nível de março. Relembrando o passado, tive uma experiência semelhante em 2008, na ocasião da crise provocada pela quebra do banco Lehman Brothers. Parece que sou muito azarada em relação à taxa de câmbio. No entanto, mesmo descontando isso, os preços no Brasil estão nitidamente mais elevados. Ou devemos considerar isso como mais um sinal do declínio do poder nacional do Japão...

(Economia)

Banco do Brasil possui conta voltada para criança

A Conta para Menor é uma conta de depósito sem prazo de vencimento e com remuneração diária, podendo ser aberta pelos pais (representantes legais) ou pelo próprio menor de idade (abaixo de 18 anos).

Não há idade mínima para a abertura da conta, podendo ser aberta para crianças a partir de zero anos.

Além de possibilitar a poupança gradativa de recursos para o futuro (gastos em estudos, etc.), a Conta para Menor permitirá a criança ir se familiarizando com o sistema financeiro, depositando e investindo suas economias na sua própria conta.

Mais detalhes aqui: <https://www.bb.com.br/site/japao/conta-menor/>

Fonte: BB

WEG inaugura fábrica em Portugal

Em outubro, a WEG inaugurou uma nova fábrica em Santo Tirso, em Portugal. O local tem mais de 22 mil m². A empresa já possui uma unidade fabril de 16.300 m², dedicada ao fabrico de Motores Industriais de Baixa Tensão.

Com esta nova instalação (STI2), a WEG pretende ampliar a produção de Motores Elétricos de grande porte, Quadros Elétricos BT e de Drives MT/AT, bem como transferir a sua fábrica localizada na Maia para Santo Tirso.

Fonte: WEG

Planta nativa brasileira macaúba vai ser usada para combustíveis

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) aprovou financiamento de R\$ 257,9 milhões para a Acelen implantar um centro de inovação tecnológica – o Acelen Agripark – focado em pesquisa e desenvolvimento da cultura da macaúba, planta nativa brasileira de alto poder energético.

A unidade faz parte do projeto integrado da empresa para produção de diesel renovável (RD – renewable diesel) e combustível sustentável de aviação (SAF – sustainable aviation fuel) baseado no desenvolvimento da cultura da macaúba, incluindo a sua domesticação e o cultivo em terras degradadas. Este o primeiro financiamento do BNDES voltado ao desenvolvimento de SAF, considerado o “combustível do futuro”.

Mais detalhes aqui: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202410/bndes-aprova-r-258-milhoes-acelen-desenvolvimento-macaba-combustiveis>

Fonte: Governo Federal

CCBJ Awards Person of the Year 2024

A Câmara de Comércio Brasileira no Japão (CCBJ) tem a honra de convidá-los para o evento “**CCBJ Awards Person of the Year**”. É uma solenidade que presta homenagem para personalidades de destaque nas relações entre o Brasil e o Japão.

Como representante de destaque pelo Japão, a CCBJ concede este prêmio “**CCBJ Awards Person of the Year 2024**” para o Sr. **Hiroyuki Isono, Presidente da Oji Holdings**. A empresa foi fundada há 151 anos no Japão e é líder na indústria de celulose e papel. E a empresa CNB-Celulose Nipo-Brasileira S.A. no Brasil que foi fundada em 1973 em conjunto pelo Japao-Brasil.

Na oportunidade, o Presidente da Oji Holdings vai apresentar projetos de celulose, papel e reflorestamento no Brasil. A empresa continua fazendo contribuições significativas para o fortalecimento das relações econômicas Japão-Brasil.

O evento será realizado com o apoio da Embaixada do Brasil no Japão.

Detalhes do evento:

Data : 29 de novembro de 2024, (sexta-feira,) das 18:30 h às 21h
(Recepção (Uketsuke) às 18 horas)

Local : Embaixada do Brasil no Japão

Endereço : Tóquio Minato-ku Kita Aoyama 2-11-12

【Programação】

18:00 ~ 18:30 Recepção

Cerimonia no Auditorio

18:30 ~ 18:40 Palavras do Embaixador do Brasil no Japão, Exmo. Senhor Octávio Côrtes

18:40 ~ 18:50 Palavras do Presidente da CCBJ, Celso Guiotoko

18:50 ~ 19:20 Entrega do Troféu CCBJ Awards Person of the Year e
Palavras do Homenageado Sr. Hiroyuki Isono, Presidente da Oji Holdings

19:20 ~ Sessão de fotos

19:25 Recepção no salão Manabu Mabe

19:25 19:35 ~ Brinde com discurso do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão

19:35 ~ 21:00 Jantar

21:00 Encerramento

Traje: Passeio completo

(Taxa de adesão)

Sócio ¥ 10.000 - Não Sócio ¥ 12.000

O pagamento da taxa de adesão será somente por transferência bancária

As inscrições serão aceitas até o dia 20 de novembro

※A taxa de inscrição deve ser paga até o dia 25 de novembro.

Caso necessite de fatura ou recibo entre em contato com a CCBJ.

Cancelamento da inscrição serão aceitos
até o dia 22 de novembro, após esta data

Inscreva-se neste link

<https://forms.gle/JrrGXEgKZLM1MaZw5>